

TORRES, Fernanda. **Sete anos**: crônicas. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Sete anos em quarenta crônicas

Emiliano César de Almeida¹

Fernanda Torres nasceu no Rio de Janeiro em 1965. Há 35 anos faz teatro, cinema e televisão. A partir de 2007 passou a escrever na Folha de S. Paulo, Veja Rio e Piauí. Em 2013, lançou seu primeiro romance, *Fim*, pela Companhia das Letras. No ano seguinte, a mesma editora publica o livro *Sete anos*, reunião de parte das crônicas e colunas sobre cinema, teatro, política, família e cotidiano que a autora publicou na imprensa.

A orelha do livro *Sete anos* é assinada pelo escritor e roteirista Antonio Prata. As palavras iniciais fazem um desfavor à obra de Torres e poderiam ser suprimidas tranquilamente. Ao invés de tratar apenas da escrita e do estilo da autora, abusa dos adjetivos à personalidade:

Se o mundo fosse justo, Fernanda Torres escreveria mal – e não haveria nada de errado nisso. Uma das maiores atrizes brasileiras, bonita, bem casada, filha de Fernando Torres e Fernanda Montenegro, mãe de dois filhos – ‘e magra’, lembra minha mulher –, receberíamos seus textos como quem vê Bill Clinton tocar saxofone, Chico Buarque jogar futebol, Paul McCartney expor umas telas: eles são bons em outras áreas, deixem que se divirtam à toa, vai...

Acontece que Deus foi bem pouco equânime ao aspergir talentos sobre esta pobre humanidade: enquanto a maioria de nós se esforça para fazer, mal e mal, uma coisa só, Fernanda Torres vem mostrando como escritora o mesmo talento que a consagrou como atriz. (PRATA, 2014)

¹ Doutorando em Teoria e História Literária, IEL/UNICAMP. E-mail: emilianoalmeida@gmail.com

Na Apresentação do livro, Torres escreve sobre o processo de elaboração, amadurecimento e reelaboração das suas crônicas e artigos entre a publicação na imprensa (ao todo foram sete anos – daí o nome do livro – publicando quinzenal e mensalmente) e a posterior reunião destes em livro: “Ao revisar os textos, cogitei conservá-los intactos, do modo como foram publicados, mas desisti. Cortei baldes de adjetivos, limei os advérbios que pude e resumi parágrafos; em especial, nos artigos escritos há mais tempo. Os mais recentes sobreviveram sem maiores plásticas.” (TORRES, 2014, p. 10)²

A leitura das crônicas, quer seja em sequência quer seja de forma aleatória, revela uma autora em processo de amadurecimento da escrita literária, conquistado por anos de polimento. Os temas são diversos e garantem um leque abrangente. *Sete anos* é dividido em 4 blocos: “De Aritana e Leila Diniz”, “Pecado Capital”, “De John Gielgud e Dercy Gonçalves” e “A divina comédia”. Ao todo, são 40 crônicas, selecionadas dentre tantas outras, que foram revisadas e enxugadas.

Do ponto de vista do conteúdo, o livro oscila entre altos e baixos. Quando Torres se aventura nas crônicas políticas os escorregões são certos. Por serem escritas na 1ª pessoa do singular, é difícil distanciar obra de autora, ou seja, o que está registrado em cada linha é, de fato, a posição da escritora. Para ficar em dois exemplos, menciono aqui as crônicas “Humanas e Exatas” e “Oscar Wilde”.

A primeira, datada de 25 de novembro de 2011, trata do assassinato do estudante Felipe Ramos Paiva no estacionamento da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP, a presença da polícia militar no campus e a consequente ocupação da

² Todas as citações utilizadas nesta resenha foram retiradas de: TORRES, Fernanda. *Sete anos: crônicas*. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. A partir da próxima passagem citada, indicarei no corpo do texto apenas o número da página.

reitoria pelos estudantes. Torres inicia o texto adotando um tom de dúvida: “Não sei se existe ligação direta entre os baseados queimados na USP e a tragédia de Felipe Ramos Paiva [...]” (p. 112). No segundo parágrafo, o discurso da autora cola com os editoriais da grande mídia paulista ao afirmar que a prisão de “dois rapazes que fumavam maconha [...] culminou com a *invasão da reitoria* por um *grupo minoritário de estudantes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas*.” (Idem) As reivindicações dos estudantes que ocupavam a reitoria “desafinam no contexto” e são tratadas com desdém; as bandeiras históricas do movimento estudantil são taxadas de “*uma metralhadora giratória* de repúdio à política educacional da atual administração, à ganância econômica e aos rumos do planeta.”³ (p. 112-113)

Os passos seguintes, na mesma crônica, são dados em torno da comparação entre Ciências Humanas e Exatas. Faltaria à primeira objetividade e pensamento lógico, “abundante nas ditas ciências duras” (p. 114). Se há uma crise nas humanidades, é preciso enfrentá-la com a seriedade e o respeito que merece, distanciando-se do senso comum gritante nas palavras de Torres: “*Os amotinados esperneiam*, espelhando a crise que sua área atravessa”⁴ (Idem).

O desfecho do texto é uma tentativa de mediar os limites e alcances dessas duas áreas do conhecimento. “Paiva estudava atuária, disciplina que trata dos riscos das operações financeiras, especialmente no setor de seguros e pensões. O rapaz aprendia a buscar padrões de normalidade em sistemas imprevisíveis” (p. 113). Nas últimas linhas Torres cita as possíveis causas da morte do estudante:

Paiva foi vítima da miséria urbana, do tráfico de armas e de drogas, da falta de policiamento e de iluminação, e, sobretudo, de uma força indiferente às planilhas para se proteger do

³ Os grifos deste parágrafo são meus.

⁴ Grifo meu.

amanhã: a irracionalidade. A atuária também não dá conta de cruzar a esquina. O juiz deveria obrigar todo mundo a ler, ou reler, *Crime e castigo*. (p. 114)

A segunda crônica mencionada anteriormente, “Oscar Wilde”, datada de 1º de setembro de 2010, não tem como foco o escritor e dramaturgo irlandês. Talvez o uso livre de Wilde no texto não faça sentido. Torres, na verdade, escreve uma ode ao jornalista William Bonner, âncora do Jornal Nacional, da Rede Globo. Ao longo dos 17 parágrafos, não há uma crítica ao trabalho de Bonner, apenas um leve comentário sobre sua “ansiedade quase palpável” (p. 76) no debate com Dilma Rousseff durante a corrida eleitoral de 2010. De resto, sobraram elogios pessoais e profissionais ao apresentador, à “mudança editorial do JN” (p. 77) e comparações ao “locutor-modelo” Cid Moreira (p. 75). Torres só esqueceu de escrever que se as redes sociais possibilitaram a metástase de opiniões preconceituosas e reacionárias, a grande mídia foi uma das precursoras.

Os pontos altos do livro encontram-se justamente quando Torres se dedica a escrever sobre o cinema, a pintura, o teatro e a literatura, campos mais próximos à ela. Cito as crônicas “Kuarup”, “Pornochanchada”, “Humano”, “Coutinho”, “Ubaldo”, entre outras. Nelas, a escritora traz à tona as mais de três décadas de leitura, trabalho, viagens e o contato com grandes nomes das artes, o que não é pouco. A qualidade do texto se eleva, ganha em conteúdo e forma e se distancia das crônicas panfletárias a respeito de política.

Logo no primeiro parágrafo de “Humano”, de 3 de dezembro de 2013, grandes escritores e pensadores do mundo ocidental são trazidos à baila: “Em *A invenção do humano*, Harold Bloom afirma que a consciência do homem moderno nasceu com *Hamlet*. Shakespeare, afinal, seria o tronco, e todo o resto, Freud, Dostoiévski e Guimarães Rosa, seus galhos.” (p. 106) Parágrafos à frente, Torres relata a visita que fez à galeria Uffizi, em Florença, no início de 2013, onde é possível “acompanhar muitos desses saltos evolutivos na história da criação.” (Idem). O percurso é marcado por



(ISSN 2238-8060)

“pinturas medievais [...] sacras e bidimensionais”, “passagens bíblicas”, “divindades gregas”, e obras do Renascimento.

Para quem segue pelos corredores da galeria, a repetição das passagens bíblicas e divindades gregas cria um estado de beleza e embriaguez interrompido pelos primeiros retratos realistas da Renascença. Na sala 8, os perfis da duquesa e do duque de Urbino, pintados em 1472 por Piero dela Francesca, marcam, na impressionante coleção, o instante em que o homem se colocou em pé de igualdade com os santos. (p. 107)

A obra e o pensamento de Boccaccio ganham destaque e a escritora faz menção à nova edição de *Decameron*, publicada pela Cosac Naify.

“Cem anos antes de Piero dela Francesca, Boccaccio pedia desculpas ao Espírito Santo para falar dos dilemas mundanos de quem sobreviveu ao século XIV. [...] Aparentemente devoto, Boccaccio esclarece, logo na introdução, que sua novela não é direcionada a Deus, mas ao juízo dos homens. Ou à falta de juízo. *Decameron* é um decálogo de desvios, um paraíso de putas ardilosas, freiras volúveis, padres ladrões e bandidos de toda espécie.” (p. 107-108)

Impressionam, também, *Vênus*, *Samotrácia*, os bustos de mármore do Império Romano, apresentados como “narigudos, papudos e olheirudos”, feições que os distanciam “do ideal olímpico dos gregos” (p. 108). Somam-se à experiência na galeria Uffizi outras duas, contadas de forma breve, mas que mantiveram na autora o estado de beleza e embriaguez: “os Tintoretos da Scuola di San Rocco” e “o casal de *Australopithecus afarensis*”, no Museu de História Natural de Nova Iorque.

No parágrafo final, Torres dá um salto de séculos e se questiona sobre o mundo contemporâneo a partir das observações que faz da rotina do filho. Afinal, aonde foi parar a humanidade posta em primeiro plano no período da Renascença?

Difícil mesmo é reconhecer o que há de humano nos games interativos que meu filho adolescente joga sem parar, on-line, com os amigos virtuais. Quando o vejo aos berros, imerso na

batalha imaginária, tenho dificuldade de acreditar que, algum dia, *Hamlet* fará sentido para ele; e temo, como a mais retrógrada das santas inquisidoras, pelo futuro da humanidade.

O diretor brasileiro de cinema, Eduardo Coutinho, é o assunto de uma crônica de Torres, intitulada “Coutinho”, de 4 de fevereiro de 2014. O primeiro contato entre os dois se deu em 2003 no laboratório de roteiros promovido pelo Festival de Sundance e o Sesc de São Paulo. A convivência com o cineasta acontecia “nas horas vagas, nos longos jantares onde todos disputavam a sua atenção. [...] o que me encantava eram o mau humor persistente, a magreza de santo, o cigarro inseparável e a ironia fina.” (p. 150) Numa certa noite, discutiram a adaptação mal sucedida d’*A gaivota*, de Tchêkhov, da qual Torres participou. Disse Coutinho à ela: “Tchêkhov não foi feito para estrear” (COUTINHO. In: TORRES, 2014, p. 150)

Depois de anos do primeiro contato, Coutinho convidaria a atriz para participar de *Jogo de cena*, “documentário que explora a fronteira entre o falso e o verdadeiro. Nele, atrizes e mulheres comuns se alternam narrando umas as histórias das outras.” (p. 151). Desde o início, após receber o material, Torres duvidou que o resultado da sua participação seria satisfatório. No dia da gravação, foram inúmeras as tentativas, nenhuma a contento da atriz, que depois liberou os vídeos para que o diretor compusesse o filme.

Coutinho aparentava ter algumas reservas quanto às pessoas nascidas em berço de ouro e que construam a vida artística nutrindo a imagem das celebridades: “Como comunista que era, acho que Coutinho, embora carinhoso, guardava certas reservas com relação a pessoas como eu. Ele usava palavras como ‘estrela’ e ‘celebridade’ para me definir. Era bastante sedutor, apesar de tímido, e muitas vezes cruel nas observações.” (p. 151)

Ao final, a escritora ainda faz algumas colocações sobre a personalidade do criador de *Cabra marcado para morrer*, relacionando-a com algo que ela quase chama de um certo jeito

esquerda de ser: “Eu sempre achei que a trava dele com o mundo, a inadequação confessa, a dedicação ao fumo, o olhar severo ainda que humorado, fosse herança da esquerda. Como também achei que o cigarro o mataria. Nem uma coisa nem outra. A realidade, como nos seus melhores filmes, superou a ficção.” (p. 152)

Além das 40 crônicas, que não foram discutidas na sua totalidade nessa resenha por falta de espaço e tempo, a edição de *Sete Anos* traz também algumas fotografias de Fernanda Torres atuando ao longo da carreira. A primeira delas mostra o set de Kuarup, no Parque Nacional do Xingu, em 1988. O filme foi dirigido pelo moçambicano Ruy Guerra, baseado no romance *Quarup*, de Antonio Callado. Uma segunda fotografia interessante mostra Fernanda Torres contracenando com a mãe, Fernanda Montenegro, na peça *Flash and Crash Days*, de Gerald Thomas.



Recebido em 23/08/2016. Aprovado em 20/09/2016.